

# JORNAL DO COMMERCIO

PROPRIEDADE DE JOSÉ DA SILVA CASCAES

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

ASSIGNATURA (CAPITAL)  
Por anno..... 4\$000  
Por seis mezes..... 2\$000

Avulso 40 rs.

ASSIGNATURA (PELO CORREIO)  
Por anno..... 5\$000  
Por seis mezes..... 3\$000

ANNO I

SANTA CATHARINA—Desterro, 18 de Agosto de 1880

Num. 27

## AVISO

Com o proximo futuro numero desta folha completa ella meio anno de existencia. Os Illms. Srs. que obsequiosamente tomaram assignaturas por esse tempo, terão a bondade (caso queirão continuar) de mandar reformal-as, afim de não haver interrupção na remessa da folha.

## EXTERIOR

### CORRESPONDENCIA UNIVERSAL

Pariz, 16 de Julho de 1880.

O governo da Republica Franceza, depois de decretar e mais completa amnistia e de expulsar os jesuitas afim de manter equilibrio na população — uns regressão, os communistas; sahem outros, os jesuitas—, não quiz imitar ao Senhor, descançando. Decretou que o dia 14 de Julho, anniversario da tomada da Bastilha, seria celebrado como dia de gala e de festa nacional; e, ante-hontem, pela primeira vez depois de 1790, effectuou-se na França inteira essa solemnidade.

O que era a Bastilha? Não era uma prisão para o povo, para a gentalha; era a gchenna aristocratica. A gente pobre ia apodrecer em Bicêtre. Sô ião para aquella Fortaleza D'estado as pessoas de importancia como nascimento, posição ou intelligencia. Desmoronando a Bastilha, a 14 de Julho de 1789, o povo pariziense deu prova de generosidade: primeiro que tudo, antes de construir o edificio revolucionario, quiz destruir a prisão infame onde o pensamento era sujeito a tratos onde erão arbitrarios os supplicios. Os amigos do passado, esses a quem o poeta chamava *laudatores temporis acti*, dizem-nos que o povo, n'esse dia, commetteu actos de covarde assassinio, trucidando os defensores de famosa cidadella. Mas é justo declarar que ninguem jámais lembrou-se, ao celebrar esse grande anniversario, de desculpar semelhantes crimes de absolver taes manchas sangrentas. As ondas populares nunca se desencadeião sem acarretar lama. A Europa, porém, não se inganou quando saudou, jubilosa, esse dia, e, na propria Russia, ao dizer do general de Ségur, historiador insuspeito, a gente abraçava-se nas ruas ao saber da tomada da Bastilha, dizendo: « Emfim! cahio Bastilha! » Cahio a Bastilha significava: morreu a feudalidade, nasce um novo sol: *novus serum nascitur ordo*.

O governo francez, bem inspirado, aproveitou o ensejo para distribuir novas bandeiras ao

exercito, no Bosque de Bolonha das tres côres—branca, azul e encarnada—, data dos ultimos dias do reinado desse mallogrado Luiz XVI. Foi Lafayette, o herde dos dois mundos que a propoz.

Pela primeira vez depois dos seus inauditos desastres, a França achou-se em festa com o exercito sahido das suas intranhas. Após dez annos de lucto e de trabalho, chamou-os á esperanza, esses valentes soldados e o exercito saudou uma nova aurora. Mas tambem que festa! que esplendida festa! Perto de cem mil homens, pertencentes a todos os regimentos, recebem das mãos do chefe do Estado as novas bandeiras. O presidente Grévy saudou-os com palavras repassadas de patriotica emoção; o povo, 500 mil pessoas, dá palmas, levanta gritos de victoria e a voz magestosa dos canhões muge por cima de toda essa multidão. Lá, das ulturas amenas do Bosque de Bolonha desce aquella maré humana, agitada e ruidosa, e, ao entrar na cidade, a vista, extasiada, depara com o mais deslumbrante de todos os espectaculos. As ruas, praças avenidas e boulevards estão transformados em jardins; o povo passa por baixo de arcos de triumpho; nas arvore, a brisa embala lanternas de todas as côres; nas janellas brilhão estandartes e bandeirase tapeçarias riquissimas. Cincoenta mil globos luminosos dão aos Campos Elyseos, á Praça da Concordia e aos grandes boulevards o aspecto de um palacio de fadas. Nos

## FOLHETIM 26

CHARLES DESLYS

### O JURAMENTO DE MAGDALENA

XI

#### A familia do carpinteiro

Todavia, nada quero occultarte, meu filho, no domingo passado pareceu-me triste.

Justino parou, tremulo, offegante.

— E' que presentiam o meu regresso, murmurou elle.

— O quê! acudiu Magdalena, tu duvidas da tua noiva, accusal-a!...

— A ella! não, acudiu o jovem tenente, mas o pae, o capitão... a mãe não conheceu!

— O pae é justo e bom, cem vezes tu m'o repetiste, Justino.

— Sim... um velho soldado... mas a austeridade, a rigidez em pessoa! Não transige com o dever, e seria incapaz de alliar o nome sem mancha dos Lambert com um titulo pomposo sobre que pairasse

a sombra siquer de uma duvida infamante. Imagina o que será comnosco! E' capaz de sacrificar tudo, inclusive a filha, á stricta lei da honra. Eram chegados á porta do capitão.

Magdalena deu um passo. Justino ficou-se por detraz d'ella.

A mulher de João Mathias voltou-se para o enteiado, e disse-lhe:

— Entremos!...

— Não me atrevo!... balbuciu elle. Espere!

Por unica resposta, Magdalena lançou mão do cordão da campainha, e puchou-o com força.

XII

#### Magdalena

A filha do capitão tinha vinte e quatro annos, mas parecia mais nova. O amor casto e sereno conserva as donzellas.

Flores tardias que não quizeram desabrochar, conservam a sua frescura e o seu perfume. Os dias passam sobre ellas sem deixarem vestigios da sua passagem. Abriga-as uma sombra, e quando o sol vem banhal-as com seus

raios, quando se julgara ser o estio, é ainda a primavera.

Tal era Delphina. Nada tão fresco e virginal, como a sua côr pura e rosada, como o candido olhar dos seus bellos olhos azues, como o seu meigo e gracioso sorriso. Os dentes eram de uma alvura deslumbrante, o cabello de um loiro admiravel. Não vão julgar que fosse uma belleza academica! As feições eram irregulares, mas a sua expressão de um grande encanto. Lia-se n'ellas a jovialidade, a bondade, muita franqueza e rectidão, a consciencia de um destino venturoso, esse conjuncto e essa harmonia de virtudes modestas que constituem a mulher honesta.

Poderiamos sem impropriedade dizer: o homem honesto. Delphina tinha recebido uma educação viril, militar. Desde que a irmã casara havia mais de seis annos, era ella quem governava a casa paterna. O capitão chamava-lhe o seu tenente, Delphina sorria, lembrando-se de Justino. E' sabido como elles tinham ligado os seus destinos, sem phrases e sem preliminares romanescos, sem

invocações á lua e ás estrellas. Elle tinha-lhe dito muito simplesmente. Voltarei digno de si! Ella tinha-lhe respondido: Esperarei! Depois elle tinha partido. Desde então mal se tinham visto. Mas o nobre moço não se esquecia, provava-o que farte o seu adiantamento. Quanto tempo levaria ainda? Isso pouco lhe importava. Delphina tinha-lhe dado a sua palavra e o seu coração.

No entretanto, levanta-se como uma barreira ante este futuro tão certo e tão risonho a accusação arremesada contra João Mathias. Nunca jamais o capitão pode crer, ainda antes da absolvição na culpabilidade do pae de Justino. Mas o velho militar era d'aquelles que entendem que a mulher de Cezar nem sequer deve ser suspeitada. As manifestações hostis dos habitantes da terra lograram exercer uma certa influencia em seu espirito, um quasi nada curto talvez a certos respeitos. O velho militar tinha todas as bravuras exceptuada a de arcar com a opinião publica. Protestando contra a injustiça com algu-

jardins publicos, nos *squares*, tocão bandas de musica militar; rapazes trajando o uniforme dos voluntarios da primeira republica cantão a «Marselheza»: «Vamos, filhos da patria; já raiou o dia da gloria; contra nós da tyrannia, ergue-se o sangrento estandarte. Estais ouvindo pelos campos uivar esses feroces soldados; eil-os que vêm, até nosso seio, trucidar-nos os filhos, as esposas,—A's armas, cidadãos e com o seu sangue impuro, reguem os nossos sulcos!»

Na praça da republica, a multidão entoou esse hymno guerreiro, dansando a carmanhola derredor a colossal estatua da republica. Os dias ingentes da grande revolução parecem ressuscitados.

E agora o que direi das festas officiaes? Bailes, saraos, representações de gala e solemnes recepções, tudo resume-se n'isso.

O celebre Agassiz, fallando das ceremonias officiaes no Brazil diz que são ellas frias, monotonas emfadhadas. Em França dá-se o contrario.

No sarão dado pelo conselho municipal de Pariz, Victor Hugo apresentou-se de paletó, e chapéu do Chile, e foi assim que travou da palavra, para celebrar em o nova prosa, a cidade-Luz, cujo esplendor reflecte-se no mundo inteiro.

As festas ainda não estão rematadas; Pariz continuará a divertir-se por muitos dias ainda, embora o pamphletario Rochefort e os seus amigos, os communistas amnistiados, lancem n'esse concerto a sua nota falsa, convidando o povo para novas reivindicações.

Em summa, a festa nacional teve a maior aceitação; notei, porém, que a estatua da republica representa esta em pé, não sentada e pareceu-me isso um symbolo:—a despeito de tudo a republica ainda não está assentada!

## INTERIOR

### Correspondencia do «Jornal do Commercio»

Itajahy, 14 de Agosto de 1880

Era minha intenção deixar de escrever mais as *cartas* para o seu conceituadissimo

*Jornal* e o fazia se não soubesse depois que o senhor, meu caro redactor, todas as vezes que ahi chega o S. Lourenço, vai procural-as e que fica um tanto contrariado quando não as reeebe.

A minha intenção era motivada pelo desgosto que á muita gente causa as minhas cartas. Uns desgostão-se porque não os elogio, outros porque faço justiça a pessoas que não lhes convém que faça.

Mais uma vez repito: o humilde correspondente do *Jornal do Commercio* não filia-se a nenhum dos partidos politicos militantes, mas não os repudia; entende que todos são brasileiros e que amão a prosperidade de nossa patria, unica idéa, idéa sincera e firme que anima ao correspondente de Itajahy e que dirige a sua penna e lhe dá inspiração.

Abomino essas tricas e mesquinhezas proprias de aldêa, e a ellas não consagro a minha missão; farei sempre justiça aos que a merecerem, narrarei com inteira imparcialidade, completa isenção de animo tudo o que a moral não me prohiba de narrar. Esta será a minha marcha como correspondente de um jornal que é neutro em lutas politicas.

— A' 2, como noticiou, falleceu a joven D. Malvina Beatriz de Miranda, filha do Sr. José Dias de Miranda.

— Na madrugada de 8, os presos Francisco Chacon, Tabonelli Demetrio e Theodoro Bell cortarão um dos varões da grade da janella da cadêa e evadirão-se, não tendo sido até hoje capturados.

— Aproveitamos o ensejo para felicitar ao Sr. Antonio Lopes de Mesquita, agrimensor assaz conhecido neste municipio, pela sua nomeação para a colonia Brusque, onde S. S. já prestou bons serviços.

—A ordem do dia é a inauguração da sociedade dramatica e dançante *Luzo-Brazileira*, que tem lugar hoje e amanhã.

Os socios deste club achão-se muito animados, a digna directoria esforça-se para brilhantismo da festa, principalmente o digno presidente, Sr. Manoel Marques Brandão.

(Carta particular)

mas provas de sympathia pessoal, chamou a filha e disse-lhe:

— Fifina, sabes que tem de haver adiamento. E' necessario que as coisas se ponham a limpo.

— Já o comprehendí; respondeu ella, estou resignada. E' mais algum tempo de espera.

— Hum! hum! resmoneou o pae, estás bem certa d'isso, minha filha. Quem t'o affiança?

A donzella respondeu sem hesitar:

— Affiança-m'o o olhar de Magdalena... e o seu juramento.

A madrastra de Justino não se tinha enganado. A só linguagem dos olhos, o instincto de uma estima reciproca tinham sido o bastante para que ambas se comprehendessem.

E se eu viesse a morrer? replicou o capitão.

— Esperava do mesmo modo, meu pae.

Este pegou-lhe na mão, tomou-a nas suas, e tudo foi dito, como se se tratasse de um compromisso de honra entre dois camaradas.

De facto, Delphina era como que um camarada do pae. Passavam, caçavam, jardinavam

juntos. Absolutamente a mesma vida. Não tinham segredos um para o outro. Uma franca e sólida amizade. Se chovia, xadrez ou gamão. A'noite, n'aquelle tempo o correio só chegava á noite a Vittel — leitura do jornal. Nos ultimos tempos era Delphina quem o lia em voz alta. A vista do ancião começava a declinar; ia fazer setenta e oito annos!

Mas que verdor ainda e que magestade! Era um gosto vel-o na rua, com o seu farto capote de panno azul, cabeça alta, olhar firme. Jacques Lambert é de estatura elevada, pertenceu aos granadeiros da velha guarda. Os annos, descarnando-lhe o corpo, parece terem-no tornado mais alto. Os braços e as mãos tem uns ademanos cheios de nobreza. O seu olhar brilha vivamente sob as fartas e eriçadas sobrancelhas. No momento que vimos referindo, não. E' a hora do jornal, e o ancião repousa, escutando a leitura sentado na grande poltrona, com as palpebras meias cerradas. O candieiro alumia-lhe as feições accentuadas, a fronte escampada, o bigode branco, e, do outro lado

da mesa, o rosto sereno e meigo da joven leitora. Na sala apenas se ouve a sua voz, que vae descendo, visto como já ha instantes supõe o pae adormecido.

Tambem, é já chegada á terceira pagina. «Noticias maritimas. Saint Nazaire, 17 de setembro. Está a vista a fragata Neptuno procedente da Nova Caledonia. Traz a bordo o 2 de infantaria.»

Delphina interrompe-se, solta um grito de alegria. E' o regimento de Justino.

O ancião abre os olhos, olha para a filha, e com voz grave, sem commoção apparente:

— Dezesete de dezembro, disse; estamos hoje a 23. Deve estar por ahi. Sabes o que tratamos, Fifina?

— Não costumo esquecer-me, meu pae, e...

Um perdigueiro, que estava deitado debaixo da cadeira do ancião, levantou-se e começou a latir.

— Leva de rumor, Marengo! disse-lhe o dono.

Ouviu-se tocar a sineta lá fóra.

## COLLABORAÇÃO

### Nana, Primo Bazilio, Crime do Padre Amaro.

Presentemente, que Emilio Zola e Eça de Queiroz, levados talvez pelo sensualismo brutal, pretendem crear uma nova escola litteraria—a escola de uma realidade hedionda — e que tão applaudidos são no seu tentamen, é certamente loucura sonhar-se ainda com a idealidade.

Tempo houve já, e bom tempo foi esse, em que um romance de amôr, mas amôr puro, elevado, grandioso, era sempre lido com prazer.

Hoje, porém, o romance realista, o romance excitante, provador e lascivo, tomou o lugar á poesia casta, ao innocente idyllo.

O *Primo Bazilio*, o *Crime do Padre Amaro*, *Nana* e outros livros d'este quilate, são actualmente os romances da moda—os romances de toucadôr.

A mocidade de hoje compraz-se em beber a longos sorvos aquellas agoas estagnadas e pestilenciaes, desprezando os crystallinos mananciaes da pureza e da virtude.

Para ella, que se tem pervertido com a leitura dos moderuos romances, vale mais um capitulo do *Primo Bazilio* ou de *Nana* do que toda a bibliotheca de Julio Diniz.

E como não ser assim si, em vez de se tractar de expurgar a litteratura de tudo quanto ha'n'ella de mão, com inthusiasmo aceita-se tudo quanto de péssimo concebem alguns espiritos infernos, que impregam todos os meios para a completa desmoralisação socia!

Têmos na vida real muitos quadros repellentes, para que os modernos romancistas nol-os apresentem escriptos.

E' sem duvida licito descrever-se scenas da vida positiva, mas não procurar-se thêmas por sua natureza repulsivos.

O *Primo Bazilio*, ninguém ignora, é um romance que, si já não tem, teve immensa voga e fez furôr logo que apparecen, havendo até ingresso no gremio das mais honestas familias.

Delphina levantou-se vivamente com a mão no coração.

— E' elle, não é? perguntou o pae.

— E'! respondeu a donzella como se o estivesse vendo através das paredes.

Subito, ouviram-se passos precipitados nos corredor. A porta abriu-se dando passagem á criada, uma velhinha chamada Ursula. Esta tendo visto nascer o amor dos dois jovens, já se habituára a considerar Justino como filho da casa.

— Menina! sr. capitão! gritava a boa da mulher offegante de commoção, ah! se soubessem quem ahi está!

— Já sabemos! interrompeu Jacques Lambert. Que seja bem vindo... que entre.

Justino avançou, impellido da banda de fóra por Magdalena, que, por instantes, ficara na sombra.

Em despeito do rigorismo que professava, o velho capitão não pôde reprimir o primeiro impeto. Levantou-se e foi apertar a mão a Justino.

Delphina estendeu-lhe a d'ella.

No entanto, esse livro é um amontoado de scenas revoltantes, um acervo de indignidades.

A moça que o-leu, não se-prostituiu materialmente, mas prostituiu a alma, com o conhecimento de muitos segredos, que ignorava.

Esses homens, que melhor impregariam a sua intelligencia procurando expellir do coração social o vicio—cancro horrivel— que o-vai devorando aos poucos, impregam-n'a, orgulhosos, como si uma grande obra practicassem, em dar livre pasto ao cancro horrivel.

A leitura d'esses livros excita a curiosidade e despesta desejos desconhecidos ou adormecidos.

Não é natural que uma moça inexperiente, depois de uma tal leitura, procure pôr em practica o que leu?

Esses livros, que por ahi correm impressos e que tão prejudiciaes são ao decóro social e ao socêgo das familias, deviam ser reduzidos a cinzas, para de futuro não ter a sociedade de queixar-se de males funestos e irremediaveis.

Podem os auctôres realistas pregar as suas *adiantadas* idéas, que nós não os-seguirêmos nem os-applaudirêmos nunca.

Repellirêmos sempre todas as doutrinas que possam de qualquer modo influir para mal no organismo social.

Não admittimos, e, assim como nós, nenhum homem de bom senso admittirá, que os livros da estofa dos de que fallámos sejam obras litterarias, a menos que a litteratura esteja inteiramente corrompida.

Quando mais se-dêve moralisar os costumes, incaminhar o pôvo pela trilha da virtude, despertando-lhe sentimentos puros, é justamente quando, com mais afínco, tracta-se de acabar de corrompelo-o.

O romance dêve sempre ter dous fins:—o recreio, a illustração.—

Os romances, porém, de Emilio Zola e Eça de Queiroz seguem outra rota mui differente: provocam e imbrutecem, excitam a curiosidade na mulher e os instinctos da brutal animalidade no homem.

Os dous escriptores são por de mais republicanos nas suas imagens, nas suas descrições, nas suas concepções em geral.

Nas suas obras nada ha que prenda a attenção.

Nem lingoagem, nem inrêdo.

A lingoagem é quasi sempre frouxa e sempre baixa.

O inrêdo é sempre trivial e pobre de peripécias.

A dialogação succede-se languida, sem fôrça, amortecida, sobre tudo no *Primo Bazilio*, obra que provocou as iras intempestivas do Sr. Camillo Castello-Branco contra o Brazil, por ter sido reproduzida no Rio de Janeiro.

Para o Sr. Castello-Branco, que no *Amôr de perdição* poz em relêvo alguns *factos galantes* da vida de sua illustre familia, não nos-admira que o livro de Eça de Queiroz seja um mimo litterario tanto na fôrma como no fundo.

Desterro—1880.

F. C.

GAZETILHA

**Transtorno.**—Acha-se fundeado em nosso porto o paquete *Rio de Janeiro*, que sofreu durante a viagem do Rio Grande para cá, quebrando o eixo de uma das rodas.

**Club litterario.**—Acaba de fundar-

se em Joinville um club litterario, cuja directoria é composta dos Srs:

Manoel da Costa Pereira, presidente.

Vicente Ferreira de Loyola, secretario.

Victorino de Souza Bacellar, thesoureiro.

Felicitemos á esses jovens amantes do progresso, que não trepidão em proporcionar á sociedade Joinvillense mais um meio de recreio e adiantamento.

**Camões.**—Lê-se no *Jornal do Commercio* de Lisboa:

Victor Hugo, o poeta da *Lenda dos seculos* consagrou as seguintes linhas a Luiz de Camões:

« Pariz.—Camões é o poeta de Portugal. Camões é a mais alta expressão d'este povo extraordinario, que, mal apparecendo no globo, conseguiu fazer-se mencionar na historia, soube dominar a terra, como a Hespanha, e o mar como a Inglaterra, não recuou ante nenhum acontecimento, nem se curvou ante algum obstaculo, e, sahido do pouco, soube conquistar tudo.

« Nós saudamos Camões.

Victor Hugo.

**Os cometas e as mulheres.**—

Os cometas são na criação um das cousas mais admiraveis: assim são as mulheres. Os cometas são incompreensiveis, bellos e excetricos; assim são as mulheres. Os cometas brilham com um esplendor especial, mas de dia perdem parte do seu brilhantismo; assim são tambem as mulheres. Os cometas confundem os mais entendidos, quando procuram verificar a natureza delles; assim são as mulheres. Os cometas excitam tambem a admiração dos philosophos e dos homens rústicos; assim tambem acontece com as mulheres.

Os cometas e as mulheres são, portanto, analogos; mas apezar de serem ellas e elles indecifreveis, o que ao homem resta fazer é olhar com admiração para aquelles, e com admiração e amor para estas.

**Humoristicas.**—Morreu um millionario; na missa do septimo dia, um herdeiro assistia a ella, sempre de joelhos, lendo um livro.

— Oh! dizia um dos presentes, com que fervor está aquelle moço ouvindo a missa por alma de seu tio!

Terminada a missa, vio-se que o livro tinha por titulo *Codigo Civil*.

— O que lia o senhor nesse livro? perguntou-lhe um sujeito.

— O *capitulo que trata das heranças*, respondeu o moço.

Dizia um certo padre á cozinheira, que quando se sentia melhor era na occasião em que castigava a carne.

— Pois sim, observava ella, mas é que vossa reverendissima castiga a carne com os dentes.

Um sujeito bem conhecido enviuvou; logo depois um amigo o convidou a jantar; durante a sobrezeza bebeu-se menos mal.

— Toma sentido, disse o dono da casa, és capaz de tomar uma moafa.

— Embora, disse o sujeito, não é todos os dias que um homem perde sua mulher!

dizer que os noivos confessarão-se, que se fez o enchoval e os de mais preparatorios.

Isto posto, havião decorrido seis mezes, e ja Pedro e Amelia estavam bem amarrados pelo nô que lhes deu o vigario da parochia, desfructando uma adocicada lua de mel, cercados de todas as delicias que presidem esses tempos venturosos.

N'isto Amelia foi feliz, porque conhece-se por ahi muita moça que é amada tres ou quatro annos, já com um amor ambolorado e cheio de teas de aranha, sem que o *ingrato* se resolva a pedi-la em casamento.

Um namoro velho, minhas leitoras, é muito prejudicial ás moças, porque se o namorado por qualquer circumstancia deixa de casar, nenhuma outra pessoa se anima a pedi-la se não pelo receio de uma recusa formal, ao menos pela bem fundada suspeita de que ella ainda posa sentir algum *tic-tac* de tempos passados.

Assim é que d'estas delongas resulta muitas vezes o alistamento de mais uma praça para o batalhão das *involuntarias tias*!

Se podêra ser moça (do que estou livre) teria naturalmente o meu passarinho verde; porem impunha-lhe logo a condição de casar dentro de um anno, sob pena de eliminado da matricula de meu coração, embora confirmasse assim o juizo que faz da mulher o *maestro Verdi* no seu *Rigolletto*:

La dona è mobili

Qua piuma al vento.

Deixemos porém, estas divagações que vão alongando a historia de Amelia, e passemos adiante.

Podro era artista.

Typographo de algum merecimento, ganhava bastante para satisfazer a maior parte de suas necessidades.

Se não era rico, tambem a miseria não lhe batia à porta, e podia viver honradamente sem sacrificar a moça que escolhesse para sua mulher.

Todas estas considerações elle havia feito antes de casar.

Amelia não tocava piano, nem fallava francez, parem a sua educação domestica era perfeita.

Nos trabalhos de agulha, e misteres de casa, poucas lhe levãião vantagens; por isso com esse trabalho suave cessario para distracção poupava ao marido muitas despezas.

(Continúa)

Logogrifho (por letras)

AOS SRS. MARTINHO E BRAZILIANO

N'esta herva não vulgar,	1, 3, 4, 2, 2, 6
Encontrarão uma flôr	2, 4, 3
Esparge tua voz divina	2, 4, 5, 1
Que escutarei meu amor.	6, 5, 4, 1

CONCEITO

Amo-te gentil donzella,  
Prenda de meu coração;  
Pois á ti minha querida  
Dedicarei santa afeição.

Agathocles

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

A' memoria

DA JOVEN D. MALVINA DE MIRANDA, FALLECIDA EM ITAJAHY

Elle est, elle ost á Dieu.....  
(LAMARTINE.)

E' triste ver-se a tenra flor, que principia a desabrochar as suas petalas perfumosas ao sopro amoroso da primavera, murchar de subito tocada pelo beijo gélido do furacão da

VARIEDADE

Amelia

I

(Continuação)

As leitoras dispensarão por certo mais comentarios a respeito; e portanto será ocioso

morte. E' triste, bem triste; ver-se quando o céu é azul e marchetado de estrellas vivas, uma estrella brilhante de repente empanada tristemente e ir perder-se na immensidade deixando esse sulco de prata que marca a sua passagem. E' triste, e mais triste ainda, morrer-se aos treze annos!

Nessa idade de ouro, quando a alma é um cofre onde se guardam os mais puros sentimentos, onde se aninham as mais verdes esperanças do futuro; nessa idade em que a vida é tão doce, em que o coração innocente só sabe amar nossa mãe, nossa familia, e se sorri ao mundo ignorando o máo que elle encerra, é triste, e bem triste, passar-se da vida á sepultura!

E quando o fio debil dessa existencia melindrosa que se parte é de mulher, é mais triste ainda!

Morrer nos treze annos, morrer quando mais devia viver, trocar as suas flores de de laranja pelos goivos tristes do tumulo, deixar pranteando-lhe a falta irreparavel sua mãe, seu pai, irmãs, irmãos, parentes. todos, foi o que succedeu á joven Malvina de Miranda, ao declinar do dia 2 de Agosto do corrente anno.

Que prantos doloridos não chorão os teus, á sombra dos quaes, tu, melindrosa açucena tão feliz crescias?

Que vacuo immenso não sentirá o lar onde tu, estrella occulta no céu, tão feliz vivias?

Tudo isto é triste e doloroso, mas foi Deus que assim quiz.

E tu anjô, que passaste nesta vida sem roçar as tuas niveas azas pelo lodo do mundo, estás a esta hora das alturas celestes, onde os anjos como tu entoam hymnos de gloria ao altissimo, olhando para tua mãe, teu pae e teus parentes ainda compungidos pelo teu passamento.

Descança em doce paz, tu, que trocaste as flores da terra pelo noivado do céu; e permite que com teus irmãos eu desfolhe sobre a tua campa uma saudade orvalhada de lagrimas.

Itajahy

I. B.

Saudade

A'

POR OCCASIÃO DE SEU EMBARQUE

Quizera ter palavras adornadas,  
Ou siquer uma luz ao pensamento;  
Com que podesse, amigo, revellar-te  
Quanto soffro de dor neste momento!..

Mas como sou despido de atavios  
E aprecio tão só tua amizade,  
Quero apenas por lembrança triste  
Offertar-te d'aqui esta saudade,

Recebe-a que te peço, caro amigo  
E' diminuta prova que te offerto;  
E depois, quando longe de meus olhos  
Não te esqueças do amigo do deserto.

D'esse que te estima com verdade,  
E nutre inda esperanças de te ver,  
Para contar-te uma a uma as dores  
Que este apartamento fez nascer.

Que me importa a distancia que separa  
Os nossos corações, que importa ella?  
Si a amizade que prendeu-nos sempre  
Ha de ser nosso norte e nossa estrella...

Adeus que o pensamento te acompanhe  
De voltares ainda á esta terra...  
Para veres quanto soffro, amigo...

Que dor meu coração, minh'alma encerra!  
Desterro, Julho 28—80.



Itajahy

AGRADECIMENTO

José Dias de Miranda e sua mulher D. Maria Leopoldina da Gloria Miranda, D. Maria Eufrosina de Miranda Porto Alegre, D. Eufrosina Lepoldina de Miranda e Souza, D. Julia da Conceição Miranda e Souza, D. Maria José de Miranda Pereira, José Poluciano de Miranda, Eduardo Dias de Miranda e sua mulher D. Julia de Souza Miranda, Sergio Leopoldino de Miranda, Olympio Hermilio de Miranda, Conrado Caldeira de Miranda, Antonio Theodoro de Miranda, Edelmiro Olavo de Miranda; João José da Silveira Porto Alegre (ausente), Manoel Gonçalves Pereira, Quintino José de Souza e José de Souza da Silva, do mais intimo d'alma agradecem a todas as pessoas que bondosamente os acompanharam no doloroso transe que soffrerão pelo infausto passamento de sua dilecta e nunca esquecida filha, irmã e cunhada Malvina Beatriz de Miranda, fallecida nesta cidade na tarde do dia 2 de Agosto corrente, e especialmente á Exm<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup>. D. Anna Müller, ás Exm<sup>as</sup>. jovens que espontaneamente se apresentarão para condazir ao cemiterio aquella fallecida, assim como protestão igualmente um profundo reconhecimento á sociedade musical *Recreio de Itajahy* que a acompanhou até a ultima morada; finalmente a cada um de per si de coração se confessão eternamente gratos.

Itajahy, 5 de Agosto de 1880.

ANNUNCIOS



Vende-se uma  
machina de  
costura, de pé,  
em bom estado;  
trata-se na rua  
de João Pinto  
n. 30.

ATENÇÃO

O negocio de madeiras do Roberto, á rua de João Pinto esquina da rua da Lapa, está muito sortido de linhotes de todo comprimento, pernas de serra de 18, 20, 22, 23, e 25, palmos, taboas de costadinhos, soalho e ferro; de peroba, canellinha, caxeta, caxeta propria para portas de dentro; pranchões, barrotes barrotes e ripas; tijolos, telhas, e cal, de S. Francisco; tudo por preço razoavel.

VINHO MEYNET

Ha quasi vinte annos que o celebre pharmaceutico Meynet, cujos trabalhos forão laureados pelo congresso medico de Pisa e pelas exposições universaes de Pariz, Lyão e Bruxellas, apresentou á *Academia de Medicina de Pariz* OS CONFEITOS E O VINHO DE MEYNET DE XTRACTO NATURAL DE FIGADO DE BACALHÃO. A sua invenção foi saudada pelos maiores sabios do mundo medico. O dr. P. T. da Costa Alvarenga, lente da escola de Medicina de Lisboa, o dr. João de Kaleniczenko, lente da faculdade medica da Russia, o celebre medico Constantino James de Pariz, e varias outras celebridades encarecerão a effcacia d'essa descoberta. A invenção Meynet tornou-se tão conhecida que o *grande Diccionario Universal do XIX seculo*, de Pierre Larousse, não trepidou em mencioná-la. Todas as revistas e jornaes de medicina, tanto de Pariz como do exterior, tecerão-lhe merecidos encomios.

OS CONFEITOS E O VINHO DE MEYNET DE EXTRACTO NATURAL DE FIGADO DE BACALHÃO tem sido imitados; mas os medicos e os enfermos hão de sempre preferir-os a todos os productos mais ou menos arranjados para aproveitarem o triumpho logrado por essas uteis invenções que achão-se a venda hoje em dia em todas as boas pharmacias.

DEPOSITO NO RIO DE JANEIRO  
A. MEYER, droguista,  
RUA NOVA DO OUVIDOR

VINHO MEYNET

DE  
EXTRACTO DE FIGADO DE BACALHÃO

Approvado pela Academia de Medicina de Pariz e pela Junta de Saude de S. Petersburgo

É mais activo e mais effcaz do que o oleo. Uma unica colher do **Vinho de Meynet** equivale á duas colheres do melhor oleo. Evitar as imitações numerosas posteriores á Invenção Meynet. Podem ellas ser mais agradaveis ao paladar, porém não são um producto de formação natural, recompensado como soe o nosso, em todas as Exposições Universaes.

DEPOSITO GERAL EM PARIS  
FOURNY, 44 RUA DE AMSTERDAM  
Encontra-se á venda nas principaes Pharmacias

Nas mesmas boticas, achão-se os **Confeitos Meynet** d'EXTRACTO NATURAL DE FIGADO DE BACALHÃO.

DEPOSITO NO RIO DE JANEIRO  
A. MEYER, droguista, rua Nova do Ouvidor

Typ. Commercial, rua de João Pinto—1880.